

FESTIVAL DE CINEMA DE JERUSALÉM
PRÊMIO DE MELHOR PRIMEIRO FILME
MELHOR ARGUMENTO | MELHOR FOTOGRAFIA

7 NOMEAÇÕES
PRÊMIOS DA ACADEMIA
DE CINEMA DE ISRAEL

PRÊMIO DO PÚBLICO
FESTIVAL DE CINEMA DE NANTES

LISSON & ESTORIL
FILM FESTIVAL
SELECÇÃO OFICIAL

PRÊMIO MELHOR FILME
FESTIVAL DE CINEMA DE FILADÉLFA



FESTIVAL DE CINEMA DE LOCARNO
PRÊMIO ESPECIAL DO JÚRI



השוטר O POLÍCIA

um filme de NADAV LAPID

YIFTACH KLEIN YAARA PELZIG MICHAEL MOSHONOV MENASHE NOY GAL HOYBERGER
MICHAEL ALONI RONA-LEE SHIM'ON MEITAL BARDA SHAUL MIZRAHI BEN ADAM

MORIS COHEN, BETZALEL MIZRAHI, DANNY NEMICHENIZER, TRACY ABRAMOVICH, MIRI FABIAN, ADY SAKUBOVITZ, JENNY-JOY KREINDL, LIOR RAZ, ROY CHICKY ARAD
ARGUMENTO E REALIZAÇÃO NADAV LAPID FOTOGRAFIA SHAI GOLDMAN MONTAGEM ERA LAPID SOM AVIV ALDEMA CASTING AMIT BERLOWITZ MISTURA DE SOM MICHAEL GOORVICH
DIRECÇÃO ARTÍSTICA AVI FAHIMA MAQUILHAGEM NIRIT HIRSCHMANN ASSISTENTE DE REALIZAÇÃO ORNA LIPKIND PRODUTOR ITAI TAMIR DISTRIBUIÇÃO LEOPARDO FILMES

facebook.com/leopardofilmes

LEOPARDO
FILMES

5

MUSIC

Broadcast

DB

POWER

POWER

POWER

POWER

POWER

POWER

POWER

POWER

POWER

NOTA DE INTENÇÕES DO REALIZADOR

Nos anos 1960-70, enquanto o terrorismo político disparava na Europa Ocidental, Israel era um país socialista, de base igualitária. Hoje em dia, as desigualdades são as mais fortes do mundo ocidental.

Os conflitos sociais são ocultados pelo conflito contra os únicos inimigos declarados: os Palestínianos.

No entanto, sob a superfície, desponta um sentimento de raiva e de abuso. Em O POLÍCIA, esses sentimentos conduzem à explosão.

Queria mostrar dois grupos que colidem. Cada um representa a expressão dos seus conflitos: conflito nacional / conflito socio-económico.

A rotina dos polícias da unidade de elite corresponde aos confrontos com o “inimigo palestíniano”. A sua virilidade e a sua vontade de lutar são a expressão de um país onde a violência é institucional.

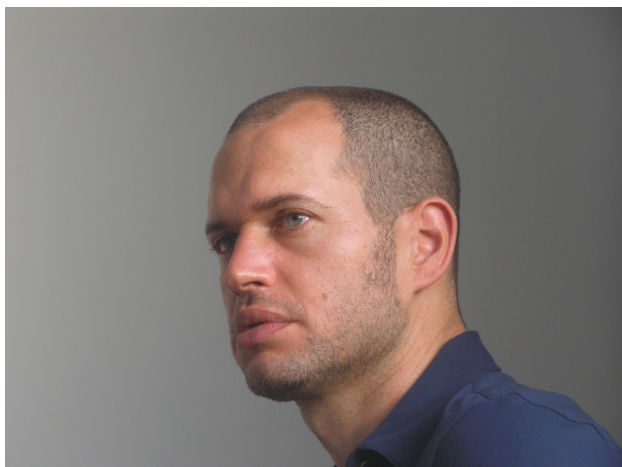
Do outro lado, existe um pequeno grupo de jovens contestatários. Prontos a matar ou a morrer para libertar a sociedade de uma opressão que a maioria dos cidadãos tolera.

Os membros destes dois grupos partilham por um lado uma grande ingenuidade e por outro lado uma grande violência. A violência instintiva dos polícias. A violência racional dos revolucionários.

Yaron é a minha personagem central entre os polícias. Ele venera o grupo e os seus valores de unidade e virilidade. A mulher dele está grávida do primeiro filho de ambos. Um acontecimento que poderá consolidar mais profundamente a sua posição na sua família e no seu grupo.

Esta personagem mistura inocência e morte, uma grande confiança em si mesmo misturada com uma grande inquietação. Ele tem inconscientemente o desejo de que um acontecimento ocorra para alterar a ordem das coisas, mesmo que seja uma catástrofe.

NADAV LAPID



NADAV LAPID estudou Filosofia e História e trabalhou ainda como jornalista desportivo e cultural, tendo sido ainda crítico de televisão e operador de câmara em alguns documentários.

Durantes a sua passagem pela Escola de Cinema SamSpeigel, NADAV LAPID realizou várias curtas-metragens, todas seleccionadas para os Festivais de Cannes, Berlim ou Locarno. O seu filme de final de curso, HA-CHAVERA SHELL

EMILE/ EMILE'S GIRLFRIEND, estreou em França em 2007.

Convidado, em 2008, para participar no Atelier da Cinéfondation, desenvolve o argumento para a sua primeira longa-metragem, O POLÍCIA. O filme, premiado em Jerusalém e Salónica, foi rodado em 2011.

Profetizando os movimentos contestatários que denunciaram durante vários meses a situação social do país, o filme despertou paixões no momento da estreia. Classificado para Maiores de 18 anos, a comissão de classificação teve de alterar a sua posição depois de vários protestos da opinião pública. A interdição diminui, ainda assim, para menores de 14 anos.

O POLÍCIA venceu o Prémio Especial do Júri no Festival de Locarno e, logo após, o Prémio do Público no Festival de Nantes. O percurso internacional do filme tem sido galardoado com inúmeras distinções. Recentemente venceu o prémio New Directors no San Francisco Film Festival e os prémio de Melhor Filme e Melhor Realizador, no BAFICI, de Buenos Aires.

FILMOGRAFIA DO REALIZADOR

Ha-Shoter / O Polícia, ficção, 103 min – LOCARNO 2011

Ha-Chavera Shell Emile / Emile's Girlfriend, ficção, 50 min – CANNES 2006

Kvish / Road, ficção, 17 min – BERLIM 2005, LOCARNO 2006

Proyect Gvul, ficção documental, 4 min – CANNES 2004

ENTREVISTA AO REALIZADOR

Estamos habituados a um cinema político israelita centrado no conflito israelo-palestiniano. De onde surgiu a ideia de fazer um filme sobre um conflito social interno em Israel?

Começou em Berlim, em Fevereiro de 2005: estava a apresentar uma curta-metragem na Berlinale, e alguém me aconselhou uma exposição sobre os aspectos estéticos do terror político na Alemanha, ou algo semelhante. Nas paredes existiam vários manifestos escritos pelos membros do grupo Baader-Meinhof. Isso fez-me reflectir sobre a própria forma do manifesto, sempre afirmativo, dramático e assertivo. Então, ao ler as descrições, todas repletas de raiva e fúria sobre a Alemanha capitalista dos anos 1970, com as suas injustiças sociais e as enormes desigualdades entre ricos e pobres, etc, apercebi-me que tudo aquilo poderia muito bem ser aplicada a Telavive, em 2005.

Este conceito de luta interna no país, de luta de classes, vai ao encontro do tabu mais profundo israelita: a coesão fundamental entre os Judeus contra o inimigo externo, eternamente determinado a nos destruir. Essa ideia de coesão necessária face à ameaça exterior define-nos como Estado e define também os nossos valores (“é importante ser bravo e ser um lutador forte”). Esse mito, falso mas muito eficaz, impede a maioria dos judeus de odiar (e de lutar contra) aquele que o oprime, porque somos todos Judeus, todos irmãos.

Nessa época, a cisão social em Israel estava completamente ausente dos meios de comunicação social: a arte e o cinema (sobretudo a ficção) estavam cobertos pelo conflito Israelo-palestiniano. Quis passar para o ecrã o conflito escondido, e quis confrontar essa coesão artificial através de um grupo radical que vai tentar substituir o tabu da unidade.

Tenho participado nessas manifestações, nomeadamente contra o Muro de Separação, ainda que, embora sendo um Israelita que cresceu em Telavive, tenha estado 3 anos e meio no serviço militar e ainda hoje esteja na reserva.

Vives portanto esse choque fascinante que é ver os teus próprios soldados a lançar-te gás lacrimogénio – um choque porque em Israel, o soldado és tu, o teu irmão, o teu pai, o teu filho ou o teu melhor amigo.

E a personagem do Polícia, de onde surge?

Ele reflecte a minha longa reflexão sobre o que é ser um homem israelita. Em Israel, há uma ligação muito limpa e inevitável entre ser um homem e ser soldado,



entre a virilidade e o patriotismo. Os temas físicos, políticos e sexuais mesclam-se de uma forma muito forte, mesmo perversa.

Tinha ainda um outro sentimento: ainda que os soldados sejam mostrados frequentemente nos filmes de ficção israelitas, a maior parte desses filmes ou faz o elogio da sua fraternidade e dedicação, ignorando ou minimizando as atrocidades e os actos terríveis cometidos por esses soldados, ou então condena-os politicamente, ignorando a sua humanidade, criando descrições teóricas e negligenciando a importante essência física.

Não quis nem elogiar nem condenar. Apercebi-me, durante o meu serviço militar, das coisas terríveis levadas a cabo por esses homens israelitas, e testemunhei igualmente a sua comovente ternura, e a dedicação que demonstram entre si. Queria reflectir essa complexidade.

Não quero com isto afirmar que uma parte da equação suaviza a outra. A amizade e o amor que eles partilham não compensa a sua violência contra os “outros”, os que não pertencem ao grupo. De certa forma é ainda pior. Ao mesmo tempo, há qualquer coisa de fascinante e mesmo de comovente nas relações entre esses soldados. Têm essa ligação forte, sobretudo física. Queria que isso fosse belo e terrível ao mesmo tempo.

A divisão do filme em duas partes é muito forte. Como trabalhou esta separação? Que sentido lhe atribuiu?

Debati muito com o director de Fotografia, Shai Goldman: deveríamos adoptar dois estilos diferentes? Duas estéticas? Dois tipos de enquadramento? Mais tarde, com o montador, deveríamos adoptar duas tonalidades diferentes? E a interpretação dos actores, a sua presença em frente à câmara, deveria ser a mesma ou diferente? Percebemos finalmente que isso seria demasiado fácil, pouco inteligente e sobretudo contrário ao objectivo do filme. Foi por isso que a montagem foi muito difícil. Foi uma montagem complicada, para submeter cortes simples, claros, criando uma forma de tensão dialéctica entre os planos. Com a câmara passa-se a mesma coisa. Ela está lá e convoca as personagens, pede-lhe que afirmem, uns atrás dos outros, o facto de existirem, para depois tentar definir de que material são feitos. Eles usam rituais para declarar frente à câmara quem são. Como os 5 polícias que, na cena de abertura, gritam o seu nome para o vale. Cerimónia de fraternidade do lado dos polícias. Cerimónia de terror do lado dos jovens revolucionários. Todos são prisioneiros do seu próprio universo, do seu próprio sistema moral. Uma forma de inocência mortal, uma devoção total às suas causas que é, ao mesmo tempo, impressionante e aterrorizadora, um autismo existencial que lhes permite agir, talvez, mas certifica também a sua incapacidade de mudança.





Como se posiciona relativamente ao cinema israelita, a sua história e a sua evolução nos últimos tempos?

Para mim, aquilo que alguns chamam de Nova Vaga do Cinema israelita é caracterizada, ao contrário do que sucede, por exemplo, no Cinema romeno, pelo facto de não existirem quaisquer características cinematográficas ou de argumento comuns. Cada um faz o seu filme e a única coisa que temos em comum é o passaporte. Conheço pessoalmente a maior parte dos jovens realizadores israelitas. Telavive é muito pequena e, no interior do mundo artístico, todos se conhecem. Mas não posso mencionar um desses filmes como fonte de inspiração ou como um exemplo próximo do meu filme. Os espectadores referiram um clássico de Assi Dayan, “Ha-Chayim Al-Pi Agfa” (“Life According to Agfa”). É um excelente filme. Eu não vejo a semelhança mas porque não?

Uma das cenas mais inesperadas e marcantes do filme é a dança de Yaron em frente à sua mulher. Essa cena parece quase improvisada, encontrava-se no argumento?

Não só a dança não foi improvisada como a trabalhámos muito. A minha principal indicação ao Yiftach Klein, o actor, foi de atacar a objectiva, atacar a câmara, de afirmar a sua existência perante nós. Para mim, de certa forma, o seu corpo grita-nos a pouco e pouco: “Eu estou aqui! Sou eu! Eu existo!”.

A canção, muito conhecida em Israel, é dos anos 1980. Ela tem qualquer coisa de simples, ingénuo, um pouco louco até. A letra é simpática mas um pouco limitada. Podemos encontrar nela uma ligação sexual, sobretudo na forma como ele mexe os lábios. Portanto, de certa forma, trata-se também de um casal discutindo a sua vida sexual. Mas sobretudo é uma canção simples e entusiasta.

Estudou Literatura e trabalhou como crítico. De que forma essa formação influenciou o seu trabalho como realizador?

Sim, trabalhei como jornalista e crítico. Acho que a principal influência desse passado no meu cinema pode ser o facto de eu observar automática e instintivamente os meus filmes no contexto da história e da presença do cinema. Quero dizer que não vivo num isolamento completo, meu e das minhas ideias. Esse isolamento existe, claro, mas o cinema, a sua história, estão presentes quase em permanência. Ao mesmo tempo, fui também romancista e escrevi, paralelamente ao meu novo argumento, romances, portanto considero-me antes de mais um criador.

UMA VISÃO SOBRE “O POLÍCIA”

O controverso vencedor do Melhor Filme Israelita no Festival de Cinema de Jerusalém, a desafiante primeira longa-metragem de Nadav Lapid, provavelmente dividirá o público. A realização de Lapid é tão confiante quanto Yaron, o membro de uma unidade Anti-Terrorismo de elite em Israel, encarregada de lidar com o “inimigo árabe”, de forma cega e violenta.

Na primeira metade do filme, Lapid mostra Yaron e os seus colegas a descansar, com vidas que são uma paródia do machismo militar, lutando literalmente uns com os outros enquanto as suas mulheres grávidas se sentam atrás deles. Mas o grupo está sob investigação devido a uma operação militar que correu mal; correndo risco de suspensão, eles acabam por colocar as culpas num colega em estado terminal.

A segunda parte do filme apresenta-nos um segundo grupo empenhado, cujo líder filosófico é Shira, a auto-proclamada poeta de uma nova revolução. A sua ideologia é enraizada na angústia de uma opressão económica.

Os revolucionários representam uma face de Israel estranha não apenas a Yaron mas acima de tudo ao paradigma de cinema nacional que Lapid confronta – onde raramente se retrata um caso de um Judeu contra outro Judeu. As palavras caminham para a acção, e um tenso impasse reúne os dois grupos numa inevitável e abrupta conclusão.

A controvérsia em que Lapid se foca prende-se com o facto de a clivagem na sociedade Israelita ser mais profunda do que o “caso” palestinião, e ainda no facto de a reflexão, e não a acção cega, ser crucial para a reconciliação.

Mark Peranson

PRÉMIOS E FESTIVAIS

Festival de Cinema de Locarno – Prémio Especial do Júri

Festival de Cinema de Jerusalém – Prémio de Melhor Primeiro Filme, Melhor Argumento e Melhor Fotografia

BAFICI – Festival de Cinema Independente de Buenos Aires – Prémios de Melhor Filme e Melhor Realizador

San Francisco Film Festival – Prémio *New Directors*

Prémios da Academia de Cinema de Israel – Nomeado para 7 categorias

Festival de Cinema de Nantes – Prémio do Público

Lisbon & Estoril Film Festival – Selecção Oficial

Festival de Cinema de Filadélfia – Melhor Filme

Festival de Cinema de Nova Iorque – Competição Oficial

O POLÍCIA

Ficha Artística

Yaron - Yiftach Klein
Shira - Yaara Pelzig
Oded - Michaël Mushonov
Michaël - Menashe Noï
Nathanaël - Michaël Aloni
Ariel - Gal Hoyberger
Nili - Meital Berdah
Hila - Shaoul Mizrahi
Pai de Hila - Rona-Lee Shimon
Yotam - Ben Adam



Ficha Técnica

Argumento e Realização - Nadav Lapid
Produção - Itai Tamir
Direcção de Fotografia - Shai Goldman
Montagem - Era Lapid
Distribuição - Leopardo Filmes

Título Original / Internacional: Ha-Shoter
Ano de Produção: 2011
País: Israel
Duração : 103'